

A leitura orante e diária da Bíblia

Prezados irmãos e irmãs em Cristo,

Saúdo com muita alegria todos os participantes nesta sessão, ao mesmo tempo formativa e informativa, promovida pelo Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET). Saúdo o sr Bispo Emérito D. Fernando e de uma forma particular as nossas irmãs Reverendas Carmen Etel e Luzia Dal Pont, cuja presença, expressa o companheirismo fraterno e cooperante entre a Igreja Lusitana e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Esta sessão realiza-se no contexto do **Domingo da Bíblia**, que no calendário da Igreja Lusitana, se celebra no segundo Domingo do Advento, ou seja, amanhã. A Oração própria para este domingo, a ser elevada a Deus, no contexto da Eucaristia dominical, expressa bem a relação que importa desenvolver entre cada crente, e a Igreja no seu todo, com as Sagradas Escrituras:

Bendito Senhor,

Tu deste-nos as Escrituras

para nos indicarem o caminho da salvação;

ensina-nos a ouvir, ler, estudar

e assimilar interiormente a tua Santa Palavra

com amor, paciência e oração,

de tal modo que, fortalecidos pela sua inspiração,

mantenhamos firme a esperança da vida eterna.

Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen.

É uma oração muito bela que provem de um coração agradecido a Deus pelo dom das Escrituras. Um coração e uma vida experimentados numa relação existencial com o texto bíblico, que compreende **as dimensões da escuta, da leitura e do estudo**, dimensões estas que se complementam entre si e não se anulam umas às outras e que só serão verdadeiramente alcançadas, se se sustentarem **no amor, na paciência e na oração**. É muito interessante, percebermos aqui, o modo como a Palavra de Deus, envolve o leitor no seu pensamento, na sua sensibilidade e na sua espiritualidade. É uma Santa Palavra que apela a **uma relação com a pessoa no seu todo**, não descurando, nenhum dos muitos aspetos que nos definem enquanto tal. Se a **Palavra é Santa** é porque nos pode santificar e qualquer caminho de santificação requer e assume a pessoa no seu todo. Trata-se de assumir que todos e cada um de nós possui o que é indispensável, a uma relação viva e fecunda com a Palavra, que vem até nós e nos indica **o caminho da salvação**.

Aprender a **ouvir a Palavra de Deus** é, pois, o primeiro requisito que nos é apontado. Mais do que um texto lido, **a Bíblia tem sido ao longo da história um texto escutado** e para muitos e muitas ainda hoje continua a ser assim. S. Paulo na sua carta aos Romanos afirma que « *a fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da palavra de Cristo*» (Rom. 10,17). No seu caminhar com a Palavra encarnada – Jesus Cristo – os próprios discípulos **desenvolveram a arte de ouvir o Mestre** e de por Ele serem interpelados: «*quem tem ouvidos, oiça*» é o refrão muitas vezes dito por Jesus e escutado pelos seus discípulos. É um ouvir que se abre à proposta e ao desafio que o anúncio da Boa Nova sempre contem. **Ouvir na perspectiva da fé não é somente escutar**, mas também acolher e responder a Cristo, Palavra de Deus. Para tal e nos tempos de hoje, importa fazer silêncio interior, dado que muitas vezes os nossos próprios barulhos e agitações, nos impedem de acolher esta Palavra, que, com fidelidade e Amor, persiste em vir a nós, precisamente **para «nos seduzir»**, conforme refere o profeta Jeremias (20,7). Lembro-me aqui, de um presbítero amigo, que desenvolveu a prática e a arte de fechar sempre os olhos quando a Palavra de Deus é proclamada na Igreja. Como que o fechar de um dos sentidos, a visão neste caso, potencia um outro, a audição, para um melhor desempenho da sua função espiritual. **Fecham-se os olhos, apura-se a escuta e abre-se o coração**. É a bela e necessária harmonia e colaboração entre os diversos sentidos que nos habitam, no acolhimento da transcendência que se nos oferece. A arte de saber escutar para melhor acolher está presente nos métodos tradicionais e antigos de leitura e oração da Bíblia.

Nesta dinâmica relacional e amorosa entre o Deus-falante e o Seu povo, ganha particular destaque a proclamação e a escuta da Palavra no **contexto da celebração Eucarística**. Na ação do Espírito Santo, a Igreja aprofunda o sentido da sua fé, não só, no modo como proclama a Palavra, mas também como a procura acolher e ouvir comunitariamente. É uma ação que implica todos os intervenientes, na consciência e no cuidado de **saber proclamar e saber ouvir a Palavra de Deus**. Tão importante como proclamar e anunciar bem é saber ouvir e acolher bem. E ouvir bem é questionarmo-nos o que é que esta Palavra que me é dirigida, me diz a mim, e a nós, no concreto da minha e da nossa existência. **Acolher a Palavra é abrir-lhe a vida**, a nossa vida e deixar que ela se faça presente nos nossos dramas e nas nossas esperanças. É pois, acolher um dom para a vida que se nos oferece por Amor. Aqui deve ser sublinhado o responso litúrgico feito no final de cada leitura bíblica: **Palavra do Senhor. Graças a Deus**. Muitas vezes nas nossas assembleias dominicais o *Graças a Deus* comunitário soa algo envergonhado e quase inaudível. Ou seja, expressa talvez uma impreparação interior no ouvir e acolher a Palavra proclamada e no reconhecimento de que essa mesma Palavra é uma bênção e um dom pelo qual devemos estar gratos a Deus.

Permitam-me que sublinhe aqui a importância do bom desempenho das funções e ministérios litúrgicos exercidos. As diferentes leituras da Sagrada Escritura devem ser previamente preparadas e bem lidas na assembleia dominical. Uma boa leitura predispõe a um bom acolhimento da Palavra. Os fiéis devem ser motivados a ler anteriormente em sua casa, os textos bíblicos indicados para a celebração litúrgica de Domingo. A homilia deve ser cuidadosamente preparada e colocada em oração perante

Deus. Em cada comunidade tem que existir, pois, um grau de exigência e de cumprimento, para que a **Mesa da Palavra**, seja verdadeiramente **um banquete proveitoso para todos**.

Mas **o assimilar interior da Santa Palavra**, requer e para além do ouvir, **a sua leitura e o seu estudo**. Da minha experiência pastoral, tenho verificado, que os crentes que falam com mais **entusiasmo e alegria sobre a Sagrada Escritura**, são aqueles e aquelas que dedicam mais tempo à sua leitura e o fazem diariamente. Na sua maioria são pessoas simples, poderíamos até dizer sem grandes estudos académicos, mas que souberam desenvolver em si mesmos, a arte e **a disciplina** de uma leitura regular dos textos bíblicos. Esta leitura, muitas vezes feita no recolhimento discreto do quarto ou do lar, como que abre um canal próprio de relação e de oração com Deus. É uma leitura e um abrir das páginas da Bíblia, que expressa um **desejo de amar a Deus e de ser por Ele amado**. Deus que é Amor assume a nossa liberdade pessoal. No exercício desta liberdade somos chamados (e nunca forçados) a tomar o livro nas nossas mãos, a abrir as suas páginas e penetrar numa leitura que não é mais do que um diálogo com Deus. Quando assim acontece, o texto torna-se mais que texto escrito, dado que abre a uma relação viva e existencial, que é já em si mesma uma oração.

Uma irmã nossa que já partiu para Deus, contava-me com o coração reconhecido, o modo como Deus lhe falou, quando recebeu, pela primeira vez, a notícia da sua doença oncológica que a veio a vitimar. Encontrava-se precisamente a ler nesse dia e nessa hora em que recebeu a notícia médica, a passagem bíblica de Isaías 41,10 que diz: «*Não tenhas medo, porque estou contigo; não te aflijas, porque sou o teu Deus. Eu torno-te forte, ajudo-te, protejo-te com a minha mão direita vitoriosa*». Este versículo tornou-se para ela, mais do que um texto, num falar de Deus, para o concreto da sua vivência e necessidade humana. Um falar que a acompanhou e lhe transmitiu a **necessária confiança e ânimo** para as vicissitudes que teve que enfrentar e para o modo de aceitar uma doença terminal à luz da fé em Deus. Outra irmã nossa, referiu-me também, o modo como os Salmos e no contexto da pandemia que vivemos, se têm tornado dia a dia numa fonte de bênção para o seu caminhar. «São verdadeiras vitaminas». Nos Salmos, Deus fala-nos e faz-nos falar, ou seja, o próprio Deus ensina-nos a falar com Deus. Assim foi também com Jesus Cristo, quando no sofrimento da cruz, fez seu, o falar e o sentir dos Salmos, e desse modo nos revelou, como também nos podemos dirigir a Deus em alturas de aflição e mesmo no final da nossa vida.

Importa novamente apresentar esta verdade que a Reforma Protestante sublinhou e que foi tão sacrificialmente defendida pelos nossos pais na fé; de que **a mensagem da Bíblia é dirigida a todas as pessoas**, independentemente da sua condição e está acessível a todos, através de uma leitura responsável e regular. É **uma carta de amor** que Deus nos dirige e que na ação do Espírito Santo suscita a nossa resposta e adesão. Deveremos, pois, e dirijo-me aqui ao clero, não só pregar sustentados no texto bíblico, como também promover e acompanhar entre o povo da Igreja a leitura, o conhecimento e a memória da Bíblia. Num tempo de informação permanente e constantemente renovada, é pedagógica e culturalmente importante **«valorizar a memória bíblica»**.

Lembramo-nos todos da sabedoria dos nossos professores de Escola Dominical que exercitavam a nossa memória, ensinando-nos a recitar versículos da Bíblia, que pela sua beleza e profundidade ainda hoje trazemos inscritos no nosso coração e pensamento.

O estudo e conhecimento dos textos Sagrados é também necessário para **evitar o literalismo bíblico e o fanatismo religioso**. Hoje, e graças ao dedicado trabalho das Sociedades Bíblicas, qualquer exemplar da Bíblia contem em si, numerosas fontes de ajuda e de interpretação dos textos. Estas fontes devem ser complementadas com o ensino promovido pela Igreja aos diversos níveis, desde os grupos de estudo bíblico ao estudo teológico.

O **nosso testemunho de vida** enquanto cristãos será tanto mais credível quanto se sustentar (não só!), mas também, numa sólida relação com a Escritura. Urge recuperar **a alegria de falar sobre a Bíblia** e os seus ensinamentos. Urge não ter vergonha de levar a Bíblia para o próprio culto dominical perante vizinhos, amigos e conhecidos. Urge ler a Bíblia em família. Importa tirar a Bíblia da prateleira para a fazer nossa, minha e de forma a que ela chegue a muitos. Karl Barth, renomado teólogo suíço, referia por alturas dos anos sessenta do século passado, que *«é preciso segurar numa mão a Bíblia e na outra o jornal do dia»*, sublinhando a necessidade de contextualizar a Palavra de Deus na realidade sofrida do mundo em que vivemos. Volvidas já várias décadas após esta interpelação e num contexto cultural e social de acentuado desconhecimento e leitura da Sagrada Escritura, como que diríamos que **para além do jornal, importa voltar a ter a Bíblia na mão**.

Não deixa de ser interessante que a nossa oração ao lado de virtudes tão espirituais como o amor e a oração, coloque a **paciência como condição importante** na relação a estabelecer com as Sagradas Escrituras. Na sua etimologia (origem e significado) a «paciência» remete-nos para a **perseverança** no ouvir, ler e estudar a santa Palavra. Nada se alcança sem esforço, sacrifício e disciplina. É o que Deus nos pede!

Temos aqui, sem dúvida, uma boa proposta para o ano pastoral em curso e que o Domingo da Bíblia que amanhã iremos celebrar, permitirá (re)apresentar ao povo de Deus. Dai a importância do **Guião das Leituras Bíblicas Diárias (com pensamentos espirituais)** que se encontra em distribuição nas Igrejas. É uma proposta que deve ser levada a sério e com responsabilidade. A entrega deste Guião a outros é um convite e um desafio a **uma (re)descoberta da Bíblia através de uma leitura diária e orante**. Não os deixem ficar «tristes, sós e abandonados» à entrada da Igreja. Quem sabe se não está aqui uma boa prenda de Natal a ser oferecida a outros ... ou a nós mesmos?

Termino com o texto da primeira carta de João sobre a Palavra da Vida :

«Escrevemos acerca daquele que é a Palavra da vida, que já existia no princípio de tudo. Nós, que o ouvimos e vimos com os nossos próprios olhos, também o contemplámos e lhe tocámos com as nossas mãos. A vida deu-se a conhecer e nós vimo-la. Falamos dela, e anunciamo-la a vocês. É a vida eterna, que estava com o Pai e que nos apareceu» (1,1-2)

A todos desejo a continuação de uma Santa Caminhada neste Tempo de Advento.
Ámen.

+ Jorge